



Adrienne Gallinari

desenho
+ pintura

exposição
24.03 a 30.04 2022

exhibition
03.24 to 04.30 2022

roberto alban galeria

Adrienne Gallinari

desenho + pintura

A Roberto Alban Galeria tem o prazer de apresentar a exposição Adrienne Gallinari: desenho+pintura, primeira exposição individual da artista na galeria. Natural de Belo Horizonte, Gallinari vive e trabalha entre Salvador, São Paulo e a capital mineira. Em desenho+pintura, a artista apresenta um conjunto de vinte e oito pinturas, em diferentes formatos, e um desenho em grande dimensão, realizado em 2018 e exibido recentemente em São Paulo na Casa de Cultura do Parque.

Formada pela renomada Escola Guignard, na capital mineira, Gallinari é expoente de uma geração cuja aparição no circuito da arte contemporânea aconteceu ainda na década de 1980, incluindo nomes como os de Cao Guimarães, Rivane Neuenschwander, Rosangela Rennó, Alexandre da Cunha e outros. A artista integra importantes coleções institucionais como a do Itaú Cultural (São Paulo), Coleção Madeira Corporate Service (Ilha da Madeira, Portugal), Museu de Arte da Pampulha (Belo Horizonte, Minas Gerais) e Banco de Espanha (Madrid, Espanha).

Ao longo de sua trajetória, realiza exposições individuais em importantes espaços como o The Drawing Center, em Nova York, prestigiadas mostras como a Bienal de Pontevedra, com curadoria de Maria de Corral, além de participar em exposições coletivas como Ordenação e Vertigem (curadoria de Agnaldo Farias, CCBB-SP), Desenhos A-Z (curadoria de Adriano Pedrosa) e a exposição paralela à Bienal de São Paulo de 2008 (curadoria de Rodrigo Moura).

Gallinari também foi contemplada com prêmios como "Aquisição", no XXII Salão Nacional de Arte, no Museu de Arte da Pampulha (Belo Horizonte, Minas Gerais, 1991); "Programa de Bolsas para Artistas Jovens Guillermo Kuitca" (Buenos Aires, Argentina, 1997); e "Primeiro Prêmio" na I Bienal Bridgestone Centro Cultural Borges (Buenos Aires, Argentina, 2000).

Tal como o título da exposição, a prática da artista mineira debruça-se, majoritariamente, sobre o desenho e a pintura, explorando as potencialidades e interseções destes suportes artísticos. Ainda em seus anos de formação, Gallinari encontrou no desenho a porta de entrada para o aprofundamento de sua obra, através de uma rigorosa e intensiva prática em diferentes suportes, como o papel, tecidos e o próprio espaço arquitetônico.

Foi da extensa prática no campo do desenho que, ainda no início de sua produção, Gallinari migra para a pintura, transitando até hoje entre os dois meios com uma singular desenvoltura e apuro técnico.

A obra de 2018, o grande desenho presente na exposição consiste em um enorme tecido estendido na parede do espaço expositivo, sobre o qual a artista traceja – numa espécie de ordenamento obsessivo e delicado – pequenos traços em crayon.

Ainda que pensado em uma grande escala, o painel revela as minuciosas intenções gráficas da artista, em que as lituras sistematicamente formadas parecem desvelar as próprias imperfeições da parede que a obra esconde. A percepção visual criada, assim, é a de um trabalho laborioso e repetitivo, que investiga a organização do espaço da obra tal como se a artista estivesse esboçando um mapa mental.



O imenso desenho realizado por lápis variados sobre tecido que Gallinari pendurou na parede maior da Roberto Alban Galeria, praticamente ocupando-a por inteiro, revela seu desejo de marcar posição em sua primeira individual na casa: o desenho é o seu ponto de partida. Sempre. Mesmo estando circundado por pinturas dotadas de cores suaves e iluminadas, paisagens embaciadas por névoas, ou acesas, recém despertadas pelo sol da manhã ou, ainda, resistindo à despedida da luz, quando da chegada da noite, mesmo assim, o desenho fala mais alto, até porque, nessas pinturas, ele também é protagonista.

Adriane pertence a linhagem mais refinada da tradição gráfica brasileira, aquela que remonta à Alberto da Veiga Guignard, fundador da célebre escola de Belo Horizonte que leva seu nome, onde ela se formou no final dos anos 1980, cujo legado floresceu pela mão de Amilcar de Castro, seu professor, entre tantos outros mestres e colegas, ocupados em demonstrar o poder de um lápis de grafite duro - por exemplo, um 7H, o preferido de Guignard - na irrupção de mundos.

Agnaldo Farias

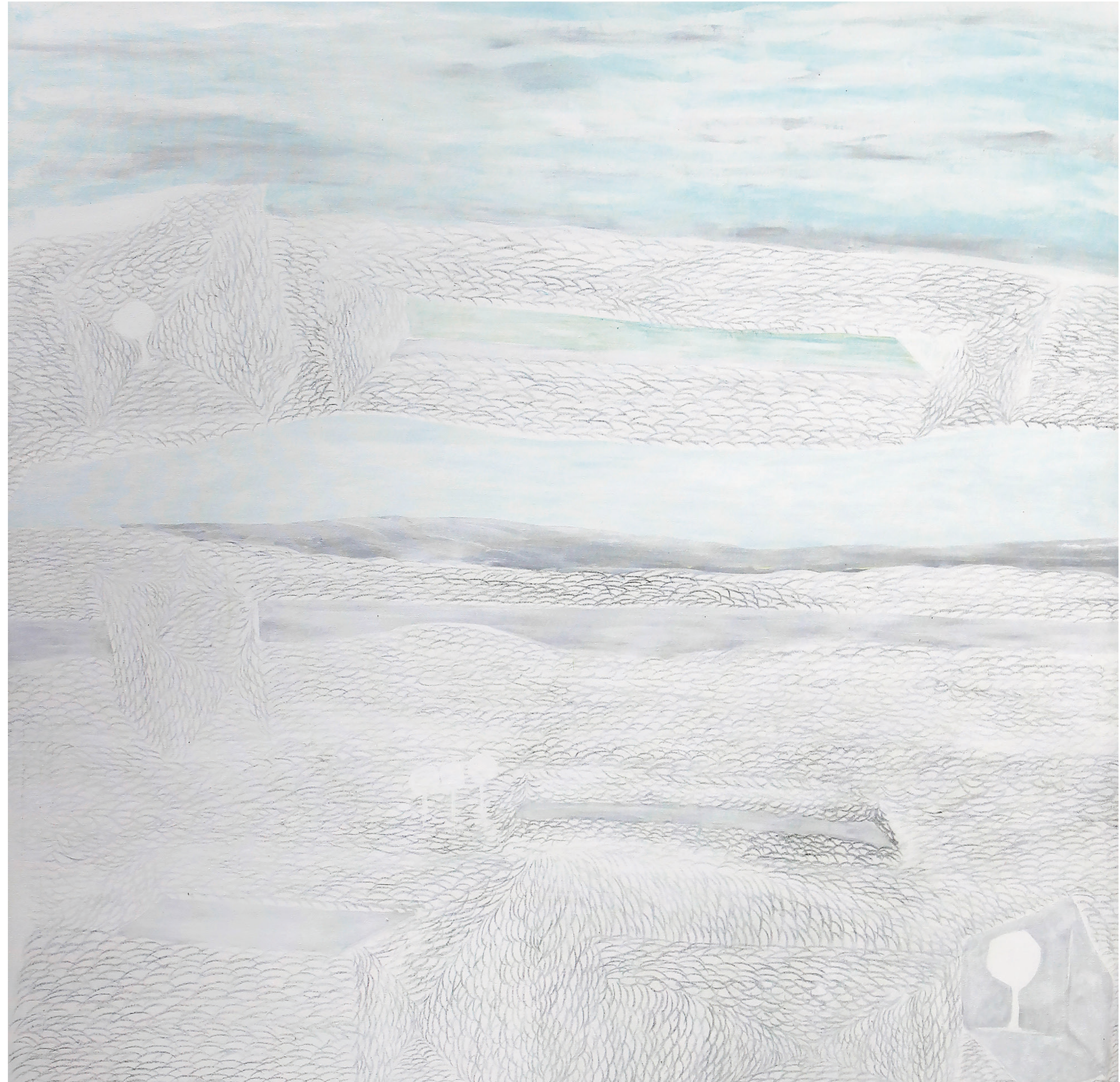




Não por coincidência, as ranhuras se assemelham a uma escrita "rasurada" – dos pensamentos que não conseguem se traduzir apenas no plano do papel. E é neste intervalo das rasuras onde surgem formas abstratas, geométricas e visivelmente distintas, tal como atos falhos que se apresentam com mais lucidez do que aquilo que teria sido dito - escrito ou desenhado - conscientemente.



Nem suas pinturas, realizadas desde pequenas escalas até formatos médios e grandes, a artista explora diferentes noções e nuances da ideia de paisagem. Temática amplamente explorada ao longo da história da arte, a pintura de paisagem aparece na obra de Gallinari dotada de um léxico que remete, ao mesmo tempo, à tradição destes tipo de pintura quanto a uma radical contemporaneidade.



Suas paisagens situam-se em um campo híbrido entre a figuração e a abstração, através do uso da tinta acrílica e de pinceladas que ora nos revelam montanhas, traços de vegetação e outros elementos típicos do gênero. Os espaçamentos em branco de suas telas valorizam suas escolhas cromáticas, que vem a compor as delicadas figuras e paisagens que pinta, criando uma sensação harmônica entre áreas de respiro e áreas de intenso trabalho sobre a tela.





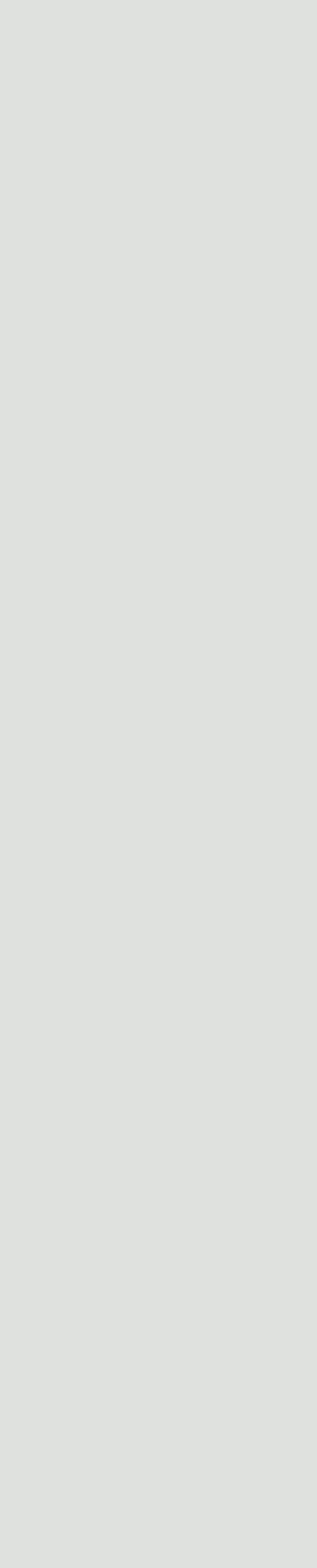
Suas paisagens - frutos da vivência e da memória destes espaços, ao longo de sua vida - revelam a aparição de ramos, árvores, campos e montanhas que dividem o espaço visual com delicadas figuras humanas, gerando um pertencimento entre homem e natureza, através de um jogo entre aparição

e desaparecimento, pintura e também subtração do plano pictórico. Tal aproximação também é realizada a partir do uso de desenhos geométricos semelhantes, permitindo uma potente convergência poética entre todos os elementos que habitam suas pinturas - a um só tempo impactantes e delicadamente articuladas.

..."note a violência delicada dos caules finos das flores vencendo a gravidade, dos troncos irregulares das árvores encimadas por tufos de folhagens; atente às linhas calmas mas decididas que separam os dorsos das pedras, encostas e montanhas, do céu, do mar, do mundo que, como um dia cantou Caymmi, "que acaba onde a vista não pode alcançar". E vá tomando tento o modo como a artista obtém que o mundo, ou aquilo que chamamos de mundo, é um jogo jogado entre linhas e cores. Como tal abstrato. Abstrato? sei não. Diga aí se não dá vontade de morar dentro dessas paisagens?"

Agnaldo Farias





A artista cria assim um certo sentido de uma totalidade visual, em que toda a superfície da tela compõe este conjunto híbrido entre abstração e figuração: uma justaposição entre planos distintos ao mesmo passo de uma ampla perspectiva unitária entre estes diferentes elementos.





“Para Adrienne
até “as palavras são desenhos”,
mais não fossem sons produzidos
pelas cordas vocais que se vão
propagando em ondas,
provocando entrechoques moleculares,
imperceptíveis a olho nú para a maioria
de nós, mas não para a artista.
Para ela tudo o que existe cria
um campo de energia, fricciona as
coisas ao seu redor, o seu entorno,
e é friccionado por ele”...

Agnaldo Farias



OBRAS





Sem título | 2021
Acrílica sobre tela
114 x 158 cm

Adrienne Gallinari
desenho + pintura



Sem título | 2021
Acrílica sobre tela
108 x 156 cm



Sem título | 2021
Acrílica sobre tela
120 x 161 cm

Adrienne Gallinari
desenho + pintura



Sem título | 2022
Acrílico sobre tela
194 x 154 cm

roberto alban galeria



Sem título | 2022
Acrílica sobre tela
195 x 154 cm

Adrienne Gallinari
desenho + pintura



Sem título | 2021
Acrílica sobre tela
114 x 157 cm



Sem título | 2020
Acrílica sobre tela
80 x 80 cm

Adrienne Gallinari
desenho + pintura



Sem título | 2021
Acrílico sobre tela
120 x 159 cm



Sem título | 2021
Acrílica sobre tela
100 x 100 cm

Adrienne Gallinari
desenho + pintura



Sem título | 2021
Acrílico sobre tela
100 x 100 cm



Sem título | 2020
Acrílica sobre tela
80 x 80 cm

Adrienne Gallinari
desenho + pintura



Sem título | 2021
Acrílico sobre tela
100 x 100 cm



Sem título | 2021
Acrílica sobre tela
100 x 100 cm

Adrienne Gallinari
desenho + pintura



Sem título | 2019
Acrílica sobre tela
49 x 69 cm

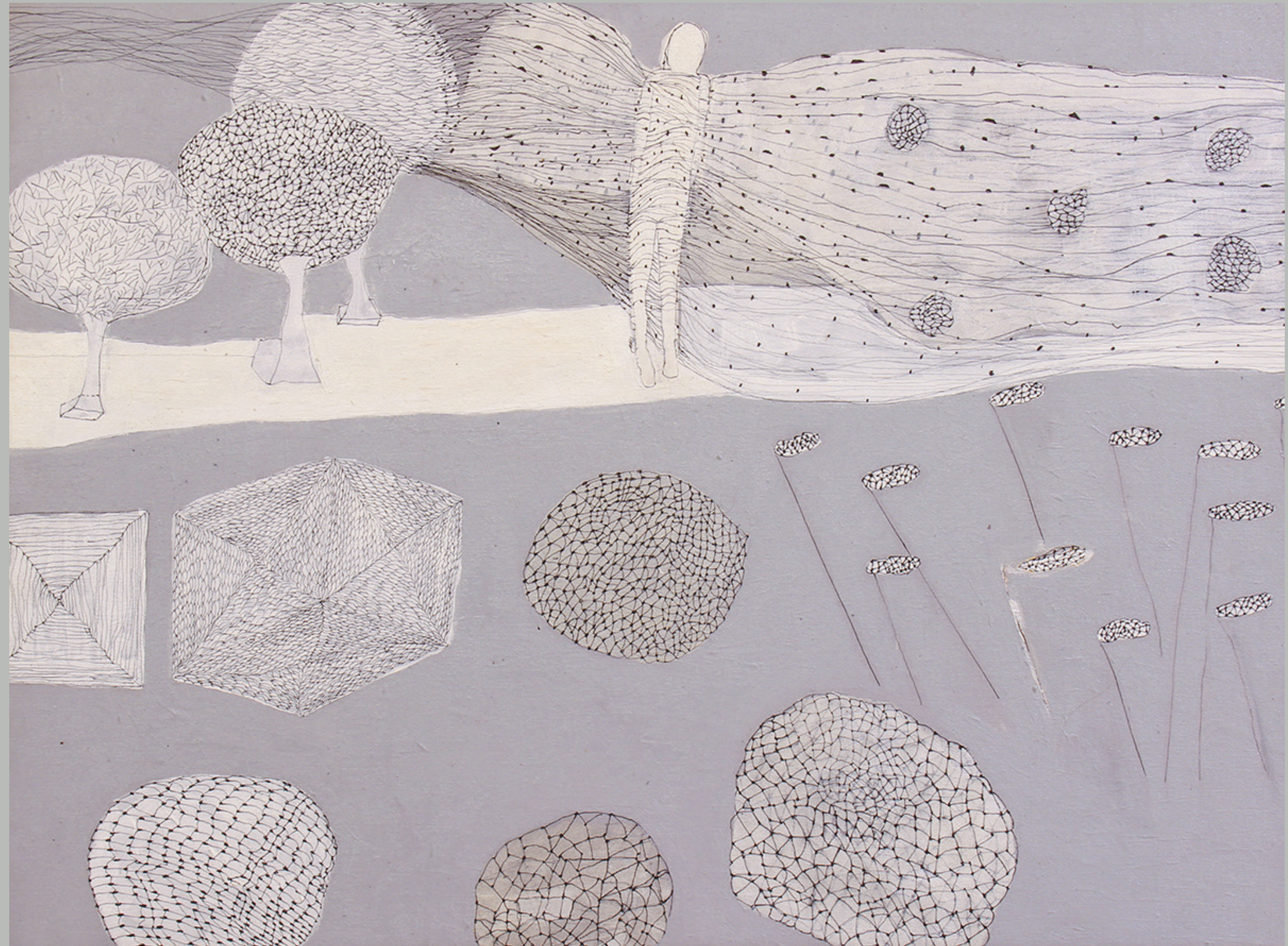


Sem título | 2021
Acrílica sobre tela
41 x 50 cm

Adrienne Gallinari
desenho + pintura



Sem título | 2019
Acrílica sobre tela
41 x 56 cm



Sem título | 2019
Acrílica sobre tela
55 x 75 cm

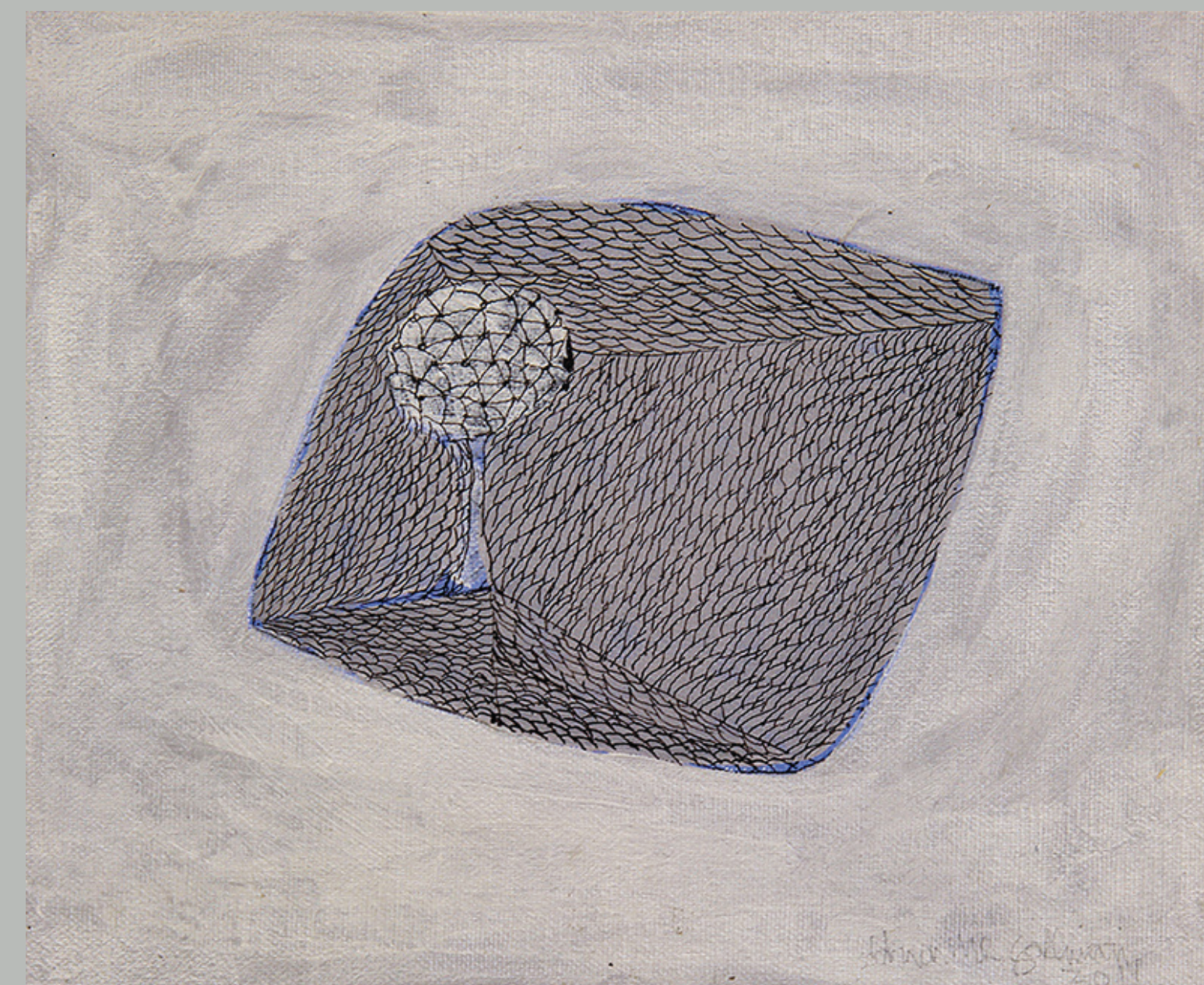
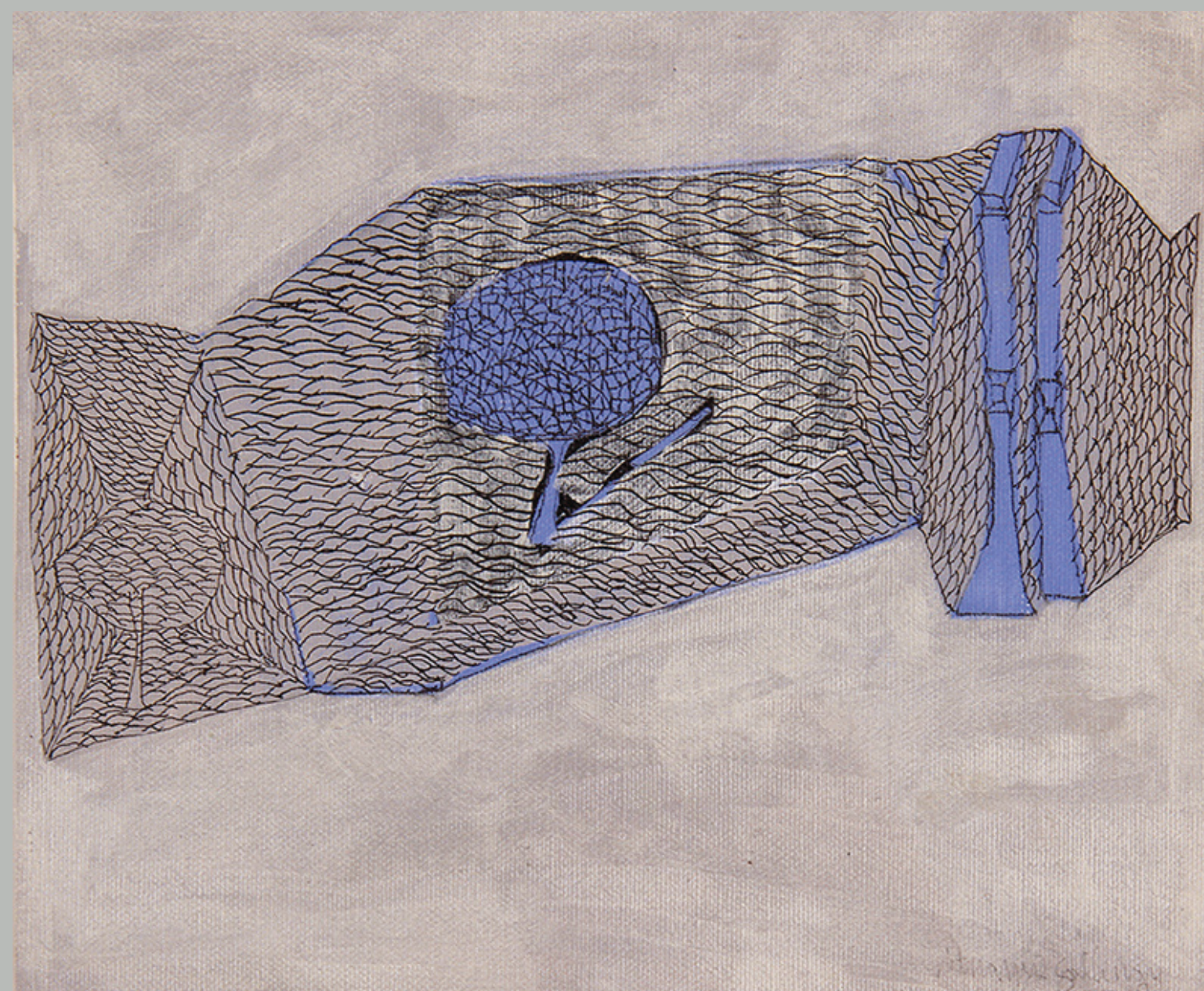
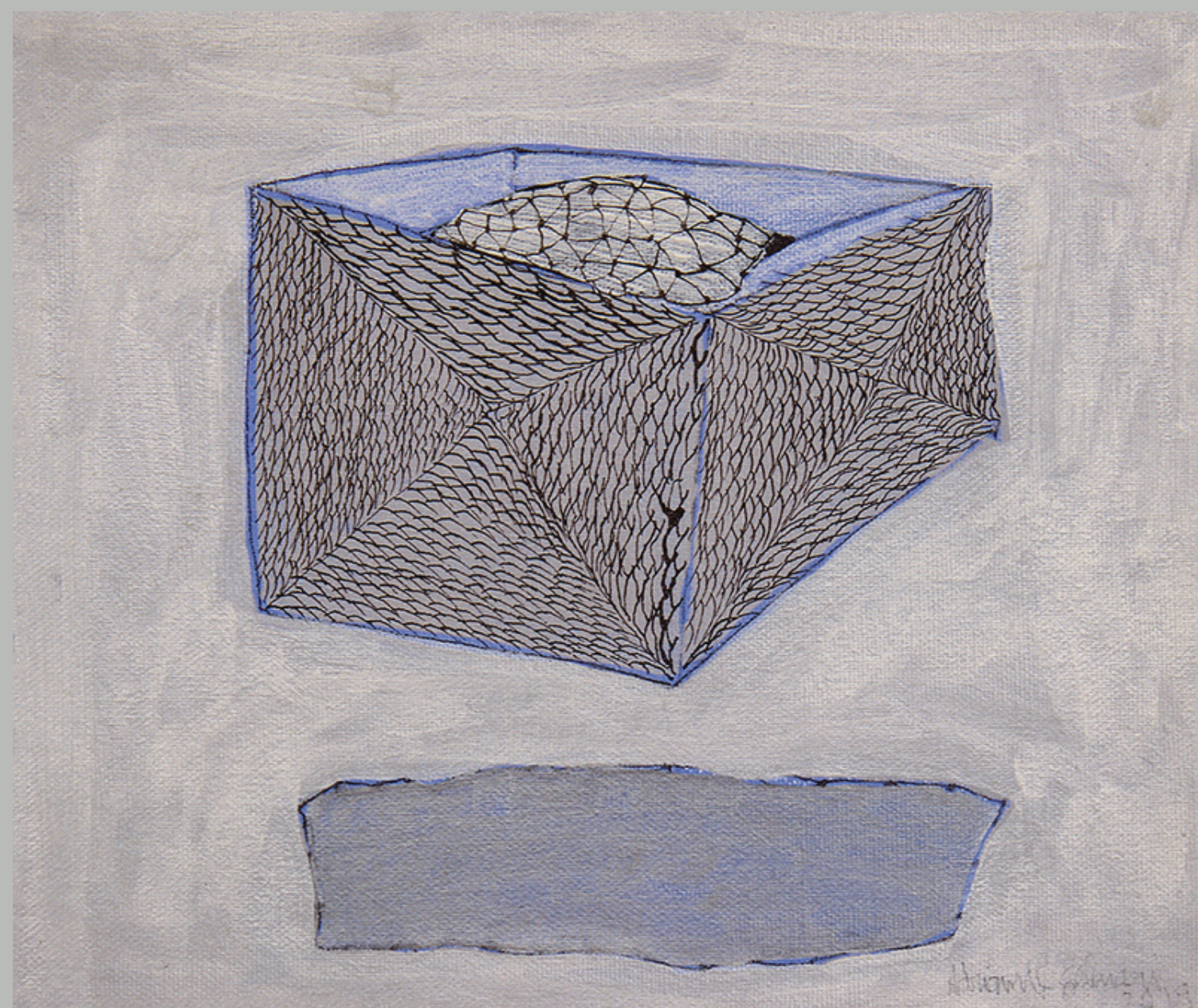
Adrienne Gallinari
desenho + pintura



Sem título | 2019
Acrílica sobre tela
32 x 38 cm

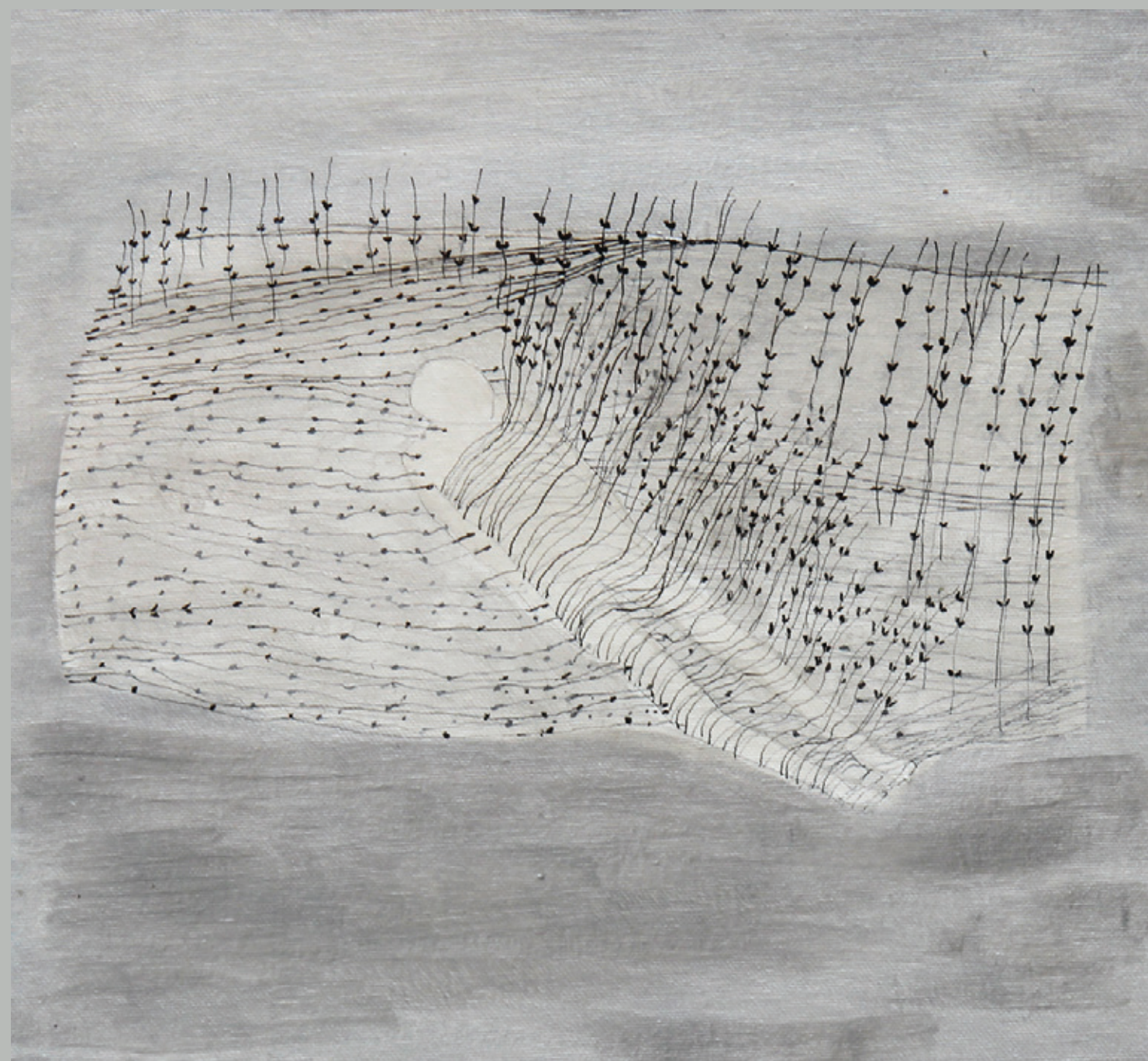


Sem título | 2019
Acrílica sobre tela
42 x 55 cm

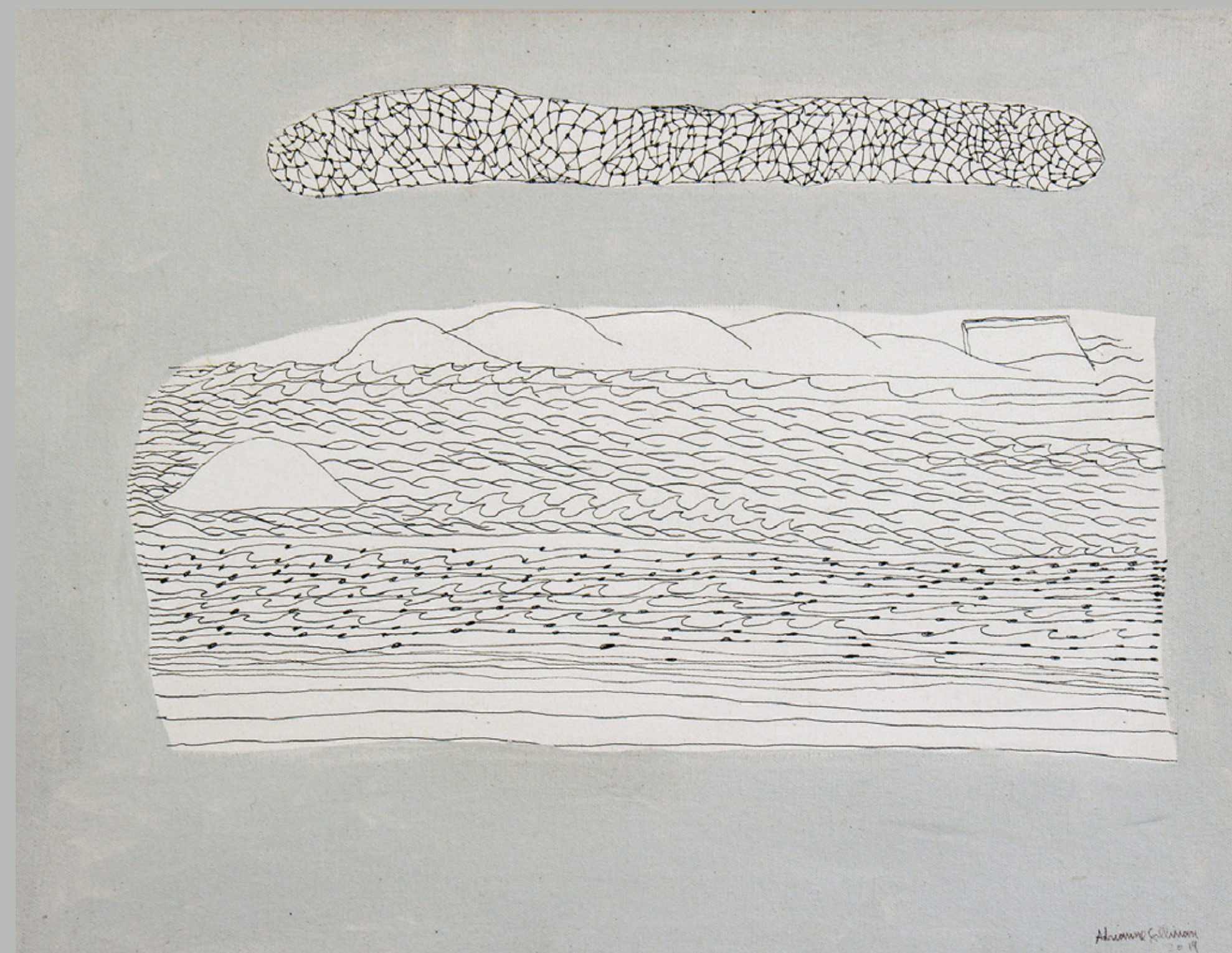


Sem título | 2019
Acrílica sobre tela
23 x 27 cm

Adrienne Gallinari
desenho + pintura



Sem título | 2019
Acrílica sobre tela
32 x 35 cm

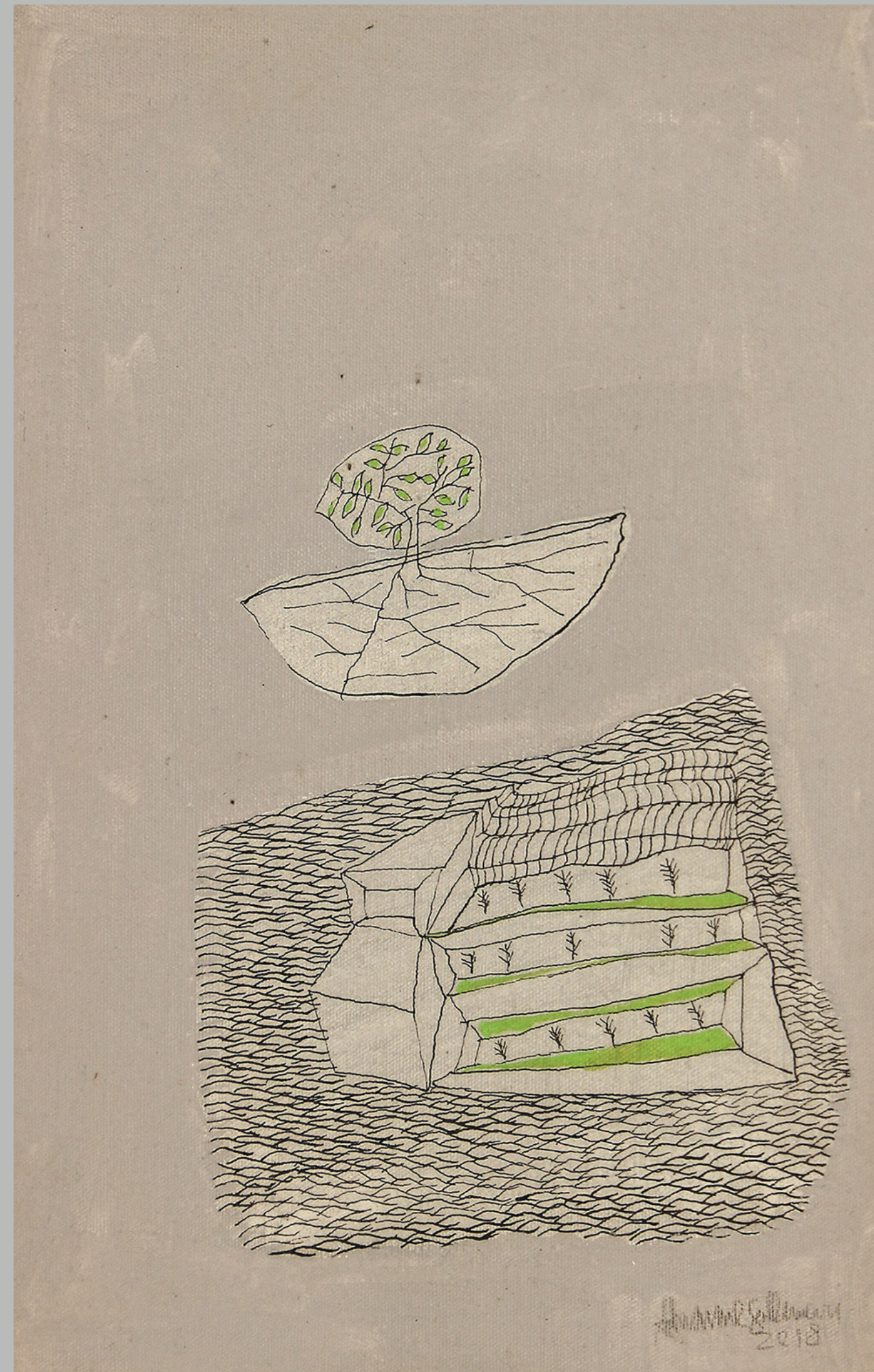


Sem título | 2019
Acrílica sobre tela
40 x 49 cm



Sem título | 2019
Acrílica sobre tela
32 x 51 cm

Adrienne Gallinari
desenho + pintura



Sem título | 2019
Acrílica sobre tela
40 x 25 cm





SOBRE A ARTISTA

Adrienne Gallinari

Belo Horizonte, 1965.

Vive e trabalha entre Salvador, São Paulo e Belo Horizonte.

Artista multimídia, graduada pela Escola Guignard, 1987. Desenvolveu suas habilidades em desenho e pintura com experimentações utilizando outros materiais como a cerâmica, e mídias como animação em vídeo. Fez licenciatura e bacharelado na Faculdade Santa Marcelina, passando a integrar o corpo de professores do Instituto Tomie Ohtake por quase dez anos.

Participou de várias mostras individuais entre elas: em 1990 a exposição individual na Sala Arlinda Correa, no Palácio das Artes (BH). 1997 - Projeto ABRA/ CocaCola, Paço das Artes, (SP); 2003 Projeto Pampulha, curadoria de Adriano Pedrosa e Rodrigo Moura Museu de Arte da Pampulha, (BH); 2018 - Desenho + Pintura, Manoel Macedo Arte, (BH); expondo em cidades como São Paulo, Buenos Aires, New York. Sua individual recente 2020 - Desenho, Projeto Varanda, Casa de Cultura do Parque, (SP).

Também realizou exposições coletivas: 2000 - XXVI Bienal de Pontevedra, curadoria de Maria De Corral, Galicia, Spain. No mesmo ano, participou da I Bienal Bridgestone, no Centro Cultural Borges, em Buenos Aires e da exposição Wall Drawings, no The Drawing Center, em Nova York. Em 2003 participa da coletiva Subversão dos Meios, com curadoria de Maria Alice Milet no Instituto Cultural Itaú, (SP); Ordenação e

Vertigem, no Centro Cultural Banco do Brasil, com curadoria de Agnaldo Farias. Em 2005 Desenhos de A a Z, curadoria de Adriano Pedrosa, Coleção Madeira Corporate Services, Ilha da Madeira, Portugal. Já em 2006 participa da coletiva Geração da Virada - 10+1, curadoria de Agnaldo Farias e Moacir dos Anjos. Em 2008 junto com as artistas Kiki Smith e Catherine Opie, realiza na Falconer Gallery, Iowa, (USA), a exposição "Disarticulated Bodies/ Destabilized Meanings", com curadoria de Alanna Nissen. Nos anos de 2003 e 2008 fez parte da Arco, Madri, Espanha. E integrou do projeto de intercâmbio entre artistas japoneses e brasileiros, Sessão Criativa Brasil Japão, Kawasaki City Museum, Japan com curadoria Futoshi Yoshizawa. Entre 2010 a 2016, continuou expondo em Brasília, São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte. Em 2019 participou como convidada de um projeto de ação, experiência e residência artística nos Galpões Santo Antônio, Amparo, SP, sob a curadoria de Adriana Penteado. E a exposição Tempos Sensíveis, Curadoria de Agnaldo Farias. Museu de Arte Contemporânea do Paraná.

Como ilustradora, Adrienne teve seus trabalhos publicados na Ilustríssima, revista Bravo, caderno do jornal Folha de São Paulo. Em livros, destacam-se o de Joseph Conrad, O Passageiro Secreto, e o de Rodrigo Lacerda, O Fazedor de Velhos, ambos publicados pela Cosac Naify.

Integra coleções como: Itaú Cultural-SP-Brasil, Coleção Madeira Corporate Service - Ilha da Madeira-Portugal, o Museu de Arte da Pampulha-MG-Brasil e Banco de Espanha – Madrid-Espanha.

